

MULHER EM MOVIMENTO

Ano XXII nº 37 Maio / Junho de 2013

SINDICATO
DOS BANCÁRIOS
DA BAHIA

80 ANOS

Departamento
de Gênero

CTB

FEDERAÇÃO DOS BANCÁRIOS
DOS ESTADOS DA AMÉRICA DO SUL

Feminina Campanha



Desde a década de 30, em diferentes contextos, as bancárias lutam pela superação das desigualdades, da opressão e da exploração. Bandeiras específicas, como a não-demissão de mulheres

que se casavam ou engravidavam, prestar concurso para bancos estatais (permitido a partir de 1968), auxílio creche, extensão da licença maternidade e paternidade, igualdade de oportunidades e isonomia salarial, foram e são lutas para a construção de uma sociedade mais justa.

A mulher bancária historicamente tem participação na luta dos trabalhadores. O destaque, este ano, para a pioneira Alice Bottas, primeira mulher a integrar a diretoria do Sindicato da Bahia, na década de 30, é um resgate dessa participação.

Nos dias de hoje, é cada vez maior não apenas a participação da mulher no mercado de trabalho, mas sua inserção efetiva na linha de frente das lutas cotidianas.

Nas manifestações de rua, nas portas das agências em greve, lá estão elas, empunhando faixas, orientando clientes, fortalecendo o movimento.

Como resultado desse engajamento, os acordos e convenções coletivas de trabalho incorporam cada vez mais direitos conquistados pelas mulheres.

POEMA

Luciana Pacheco
Func. da Caixa

Olha pro lado e sorri
Porque não há ninguém
A menina que fui
Ainda aqui espera
Por quem?

Quando por dentro cresci
A fantasia se dissimulou
A dissimulação se fantasiou
E tudo se obscureceu.
Ou clareou?

E o meu corpo estranho
Agora gruta
Ainda espera um similar
Úmido e inocente olhar
Que o descubra
Sem o petrificar.



Mulheres ocupam as ruas no 8 de março, levando a bandeira da igualdade. O Sindicato dos Bancários resgata a memória de sua primeira combatente: Alice Bottas

Igualdade de oportunidades
Página 2

Protagonismo das mulheres
Página 3

PEC das Domésticas
Página 4

A luta por igualdade de oportunidade

O combate à desigualdade e o enfrentamento às barreiras que prejudicam a contratação e a ascensão de mulheres, negros e pessoas com deficiência no sistema financeiro fazem parte da luta das bancárias por igualdade de oportunidades.

O assunto preocupa, já que ficou comprovado no primeiro censo, realizado em 2008, que há discriminação de negros, mulheres e pessoas com deficiência nos bancos. A pesquisa mostrou que a maioria dos empregados era de homens (52%) e brancos (77%). Somente 19,5% eram negros ou pardos e ganhavam, em média, 84,1% do salário dos brancos.

Já as mulheres recebiam 78% dos salários dos homens. Entre as negras, a discriminação era ainda maior. Apenas 8% delas conseguiam emprego nos bancos, contra 18% da População Economicamente Ativa (PEA). Já os deficientes não preenchiam os 5% da cota exigida por força de lei.

Um novo diagnóstico começa a ser planejado este ano e deve ocorrer em 2014. Além dos dados sobre gênero, raça, pessoas com deficiência, o 2º Censo da Diversidade vai incluir a orientação sexual. A análise dos dados é feita pelos sindicatos, inclusive o da Bahia, e pela Fenaban (Federação Nacional dos Bancos).

Com isso, será possível identificar o atual grau de desigualdade no sistema financeiro. O levantamento é fruto da mobilização da categoria por igualdade de oportunidades.



HOMENAGEM Dia Internacional bem comemorado

Março Mulher intenso



Mulheres da história: atrizes caracterizadas na linha de frente da caminhada do 8 de março

A programação do Sindicato em homenagem ao Dia Internacional da Mulher cresce a cada ano. 2013 teve como ponto de destaque a homenagem a Alice Bottas, cujo nome foi atribuído à sala onde funciona o Departamento de Gênero do Sindicato.



Um café da manhã movimentou o Espaço Raul Seixas, dia 8 de março, marcando o início da homenagem às mulheres



“Mulher e Saúde no Trabalho”, foi o tema da palestra da doutora e pesquisadora da Ufba, Petilda Vazquez



A Roda de Conversa do dia 20 de março, debateu Trabalho e Saúde Mental com o médico Carlos Valadares



A marca de Alice Bottas impressa definitivamente no Sindicato, nomeando a sala da Diretoria de Gênero

palavra de mulher

“O preconceito e a discriminação às diversidades étnicas e sexuais são quase sempre verbalizados e sentidos como problema da outra pessoa. Assim, o primeiro desafio é a construção de um compromisso coletivo.”

Gênero não demarca apenas as diferenças entre homens e mulheres, mas também os hierarquias e os torna desiguais. Há uma grande diferença entre saber isso e por fim a isso. Saber, mas não se envolver ou delegar a outro, preferencialmente uma mulher/diretora, não torna a nossa entidade tão avançada, tão democrática e tão classista.

O discurso recorrente, na maioria das vezes e, em ambos os lados, empresarial e sindical é: “Não há porque discutir”; “Não enfrentamos esse problema”; “Somos uma grande família”... Esse tipo de discurso traz implícito o pressuposto de que a estruturação do mercado de trabalho é um processo homogêneo e com critérios puramente objetivos.

A efetiva democratização do País e a erradicação da miséria passa necessariamente pelo enfrentamento dessas questões e nós, não podemos nos preocupar apenas com o índice de reajuste a cada ano, mas realizar um trabalho de conscientização política muito mais abrangente.

Patrícia Ramos - Diretora do Sindicato dos Bancários e da UBM

Feminização nos bancos

O desenvolvimento e fortalecimento do sistema financeiro no Brasil encontra-se de mãos dadas com o processo de urbanização e industrialização do País.

Na década de 30, a racionalização, como forma de gestão, desenvolve-se concomitantemente com a mecanização do trabalho bancário, mas de forma lenta. A presença das mulheres é insipiente, elas estão nas funções de suporte ao trabalho considerado qualificado, com salários bem abaixo dos seus colegas homens. São mecanógrafas, telefonistas, faxineiras, auxiliares de escritas, secretárias.

“...as promoções ia havendo sempre, tanto por antiguidade, quanto por merecimento, mas as mulheres eram preteridas nas promoções por mérito” Oldina (1936-1965).

Década de 60

Só a partir da década de 60, com a difusão de novas tecnologias e multiplicação dos postos de trabalho nos níveis inferiores de hierarquia, é que a mão de obra feminina começa a se fazer presente no setor, sobretudo para o trabalho rotineiro, enquanto os cargos que detinham algum poder decisório e possibilidade de ascensão eram ocupados por homens.

Apenas em 1968, as mulheres puderam participar de concurso para bancos estatais e, em 1971, um banco público assumiu formalmente o compromisso de não demitir as mulheres que engravidassem.

A nova ordem política e econômica, aliada ao capital internacional monopolista, criou leis e estruturou os alicerces para garantir a expansão e consolidação do capital financeiro pautado no novo padrão de acumulação.

Observa-se o fenômeno em todo o mundo: a feminização do setor bancário, caracterizada por uma mão de obra mais barata e de alta produtividade, em um contexto mundial de afirmação das mulheres na esfera pública e de maior controle do seu corpo (invenção da pílula). A divisão social e técnica do trabalho bancário é claramente determinado por uma divisão sexual, onde o lugar da mulher são os postos subalternos.

Comando da mulher nas agências

Em 1980 só três agências operavam on-line, mas, em apenas sete



A crescente participação da mulher na categoria bancária foi relatada a diretora de Gênero, Aldia Valéria, no Congresso do Sindicato

anos, já eram 3.000. São instalados os caixas eletrônicos, os bancos 24h, tudo acontece em tempo real.

Os bancos investiram alto em tecnologia para fazer frente ao aumento de mercado com redução de custos, gerando agilidade no fluxo de informações e aumento de produtividade. Funcionou também como uma estratégia de marketing, associando valores como segurança, respeito, confiabilidade e agilidade.

Num primeiro momento, o aumento de volume de trabalho e a difusão da informatização significaram possibilidade de ingresso de um grande número de mulheres nos bancos, com habilidade para atendimento ao público, nível de escolaridade maior do que os dos homens.

Afirmação em cargos hierárquicos

No final da década de 80, as mulheres começam a assumir postos diretivos e de supervisão. Chegavam a 40% da categoria, mas apenas cerca de 4% nos cargos de gerência. Mesmo apresentando alto grau de escolaridade, ainda eram preteridas.

Em 1986 foram fechadas 1000 agências e 120 mil bancários perderam seus empregos. Os bancos privados demitiram seus funcionários e os bancos estatais incentivaram a aposentadoria.

A flexibilidade numérica e funcional nas relações de trabalho intensifica-se. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores perdiam seus empregos, a terceirização se intensificava (precarização da mão-de-obra, perdas de direitos sociais, redução de custos, etc.) para realização de tarefas até então executadas por funcionários.

Entrou em cena o conceito de “qualidade total” (conjunto de princípios de gestão que se desenvolvem no contexto da “via japonesa de ra-

cionalização do trabalho”).

Novas estratégias gerenciais são adotadas, visando à criação de mecanismos de poder e dominação organizacional que mascaram instrumentos coercitivos nos locais de trabalho.

Os programas de qualidade total e de remuneração variável são exemplos de formas sofisticadas de controle, na medida em que tentam interiorizar em cada bancário a ideologia empresarial. Essas práticas de aumento da produtividade através das premiações são mecanismos de mobilização do trabalhador a serviço do capital.

Os atributos femininos de viver o mundo do trabalho e as tarefas domésticas passa a contar positivamente para o gerenciamento de equipes altamente produtivas. As mulheres entronizam mais facilmente os pressupostos da nova gestão participativa (flexibilização, metas, qualidade total, etc): satisfação pessoal decorrente de elevados índices de produtividade.

Em 1993 elas já representavam 47% da categoria. Atualmente, as mulheres ocupam 49% dos postos de trabalho no País. Na capital baiana elas representam 51,7% da força de trabalho.

A ascensão da mulher no setor bancário não tirou dela a responsabilidade social com as tarefas domésticas, não assegurou isonomia salarial. A divisão sexual do trabalho é o princípio organizador da desigualdade entre homens e mulheres, uma vez que dá legitimidade às práticas cotidianas de segregação das mulheres nos espaços laborais, baseados em representações de estereótipos e imagens de gênero.

Fonte: Mulheres no Trabalho Bancário: difusão tecnológica, qualificação e relações de gênero – Liliana Signini

DIREITO Último reduto da precariedade começa a ser regulamentado

PEC das Domésticas



Desde o dia 2 de abril, as empregadas domésticas tem em seu favor a Emenda Constitucional que garante direitos já assegurados aos demais trabalhadores, como jornada semanal de 44 horas, carga diária de trabalho de oito horas e pagamento horas extras. Outros direitos, no entanto, como o pagamento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), seguro-desemprego e auxílio-creche, ainda dependem de regulamentação para valer.

O ministro do trabalho, Manoel Dias (PDT), afirmou, no dia 1º de maio, durante as comemorações do Dia do Trabalhador, que a implantação da PEC deve ser “tranquila”. Questionado sobre a possibilidade de a nova lei causar demissões na categoria, a longo prazo, o ministro afirmou que não é possível fazer previsões. “Acreditamos que a nova lei das domésticas vem apenas confirmar os direitos adquiridos dos trabalhadores domésticos”, finalizou.

classificados

Vitalité Fisio

Bancárias têm desconto ou podem utilizar o plano de saúde em peeling, acupuntura, RPG, eletrolipólise, Heccus e beleza hi-tech da Tone Derm. A fisioterapia dermatofuncional possibilita o melhoramento de desvios estéticos e da auto-estima.

Rua Altino Serbeto de Barros, Ed. Itaigara Memorial, sala 402. Fone: (71) 3033-2653.

Quem é sindicalizado pode anunciar gratuitamente neste espaço. Procure o Departamento de Gênero do SBBA.

Conquista demorada

Os empregados domésticos só foram reconhecidos como profissionais em 1972. A lei previa a assinatura da carteira de trabalho e férias de 20 dias, mas não tratava da jornada de trabalho, nem do direito ao FGTS, ao seguro-desemprego e a outros benefícios.

Em 1988, a Constituição Federal garantiu o pagamento do salário mínimo e da licença-maternidade de 120 dias, mas novamente ignorou o tema da jornada de trabalho e do FGTS, que só foi estendido à categoria em 2001, mas de forma facultativa, à escolha do patrão. Agora, a PEC assegura esse direito, mas sua efetividade ainda espera regulamentação.

os homens
que se cuidem

Medo de Médico

Homem não chora, não sente dor. Homem é forte. Desde criança, os homens se habituaram a acreditar nessas frases. Cuidar da saúde e estética sempre foi “coisa de mulher”.

Outro fator que leva o sexo masculino a se afastar dos médicos é o medo. E tem até palavra pra isso: iatrofobia. O homem teme descobrir alguma doença que o impeça de corresponder ao que se espera dele. Não percebe que, por não ir ao médico, está contribuindo para que seu maior medo se torne realidade.

Mário Paranhos, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo, diz que “não ir ao médico dá segurança psicológica. Mas a realidade é outra”. Pesquisas do Ministério da Saúde mostram que, do total de pessoas entre 20 e 59 anos que morrem no País, 68% são do sexo masculino. E mais, segundo o IBGE, os homens vivem, em média, sete anos a menos do que as mulheres.

A partir das pesquisas, fica claro que há uma barreira emocional para ir ao médico, por isso é importante encorajar os homens a serem mais proativos sobre a sua saúde. O Ministério da Saúde recomenda que até os 40 anos, o homem vá ao médico pelo menos uma vez a cada dois anos. Depois dessa ida, deve ir uma vez por ano.

Os principais fatores de risco para a saúde masculina são: estresse, tabagismo, colesterol alto, hipertensão e esforço físico. No Brasil, 144 mil homens morreram por doenças circulatórias, entre 2008 e maio deste ano.

Segundo estudo do Instituto do Coração (Incor), os fatores de risco para entupimentos dos vasos do coração e da região genital são os mesmos. Ou seja, um homem que tem disfunção erétil apresenta também mais risco de problemas cardíacos – e vice-versa.

Na pesquisa, os participantes com disfunção erétil tinham 50% mais pressão alta do que os fisicamente normais. Esse grupo também tinha 3,5 vezes mais diabetes, era mais obeso e duas vezes mais viciado em cigarro, além de manifestar 53% mais chances de infartar nos próximos dez anos.